

Considerem os leitores as perguntas seguintes: "Por que os passaros constroem ninhos? Para que os passaros constroem ninhos?" e "Por que tem Marte dois satélites? Para que tem Marte dois satélites?" E' obvio que o primeiro grupo de perguntas, aquele que tem passaros e ninhos por tema, é plenamente significativo, no sentido de deixar entrever a possibilidade de respostas significativas. Por exemplo: "Os passaros constroem ninhos porque o seu instinto os condiciona para tanto" e "os passaros constroem ninhos para neles botarem ovos". Essas respostas são problematicas e provocam toda uma serie de novas perguntas, mas são juizados significativos. Servem de base para uma conversação sistemática, digamos para a conversação da biologia. Mas o segundo grupo de perguntas, aquele que tem Marte e satélites por tema, parece conter uma pergunta sem significado. Tentemos formular respostas. Por exemplo: "Marte tem dois satélites, porque ao ser expulso do sol destacou-se em três pedaços" e "Marte tem dois satélites para ser agradável aos astronautas que o observam". A primeira resposta é significativa no sentido já mencionado, embora seja provavelmente "falsa". O proposito do presente artigo é discutir se é significativa a segunda resposta. E' um problema inquietante e tem a ver com a propria estrutura daquilo que chamamos "realidade". Espero poder transmitir aos leitores no curso deste artigo um pouco do fascínio que sobre mim ele exerce.

∴

Não pretendo discutir o aspecto linguístico do problema. A logica formal e a análise de símbolos demonstrará que os termos "por que" e "para que" envolvem dois tipos diferentes de relações entre classes. Nem pretendo discutir diretamente o aspecto do problema que a teoria do conhecimento ilumi-

# Por quê e para quê?

VILEM FLUSSER

resultaram de um processo causal e que tendem a transformar-se nesse processo. Esse aspecto do mundo dos astros é relativamente recente. Antigamente era considerado esse mundo como o exemplo por excelência da imutabilidade e da eternidade. Mudanças e transformações só as havia no mundo sublunar, mas nas esferas "acima da lua" reinava a harmonia eterna, uma ilustração do "puro Ser", um simbolo da Divindade. Hoje tendemos mais para uma interpretação diabolica do mundo dos astros. Houve, no inicio, uma explosão, comparavel, em sua estrutura, com as nossas explosões atômicas, mas cujas dimensões são incomparáveis. O que explodiu? Um ponto infinitamente pesado. O ponto é algo que não tem dimensão, que não ocupa espaço. "O ponto" é a maneira geometrica de articular o nada. O peso infinito é algo que abrange todas as coisas. E' uma maneira um tanto materialista de dizer-se "tudo". O mundo dos astros teve inicio na explosão de tudo que era nada. Essa explosão pôs em movimento uma cadeia de causas e efeitos. Tratava-se de uma transformação progressiva e violenta de "matéria" em "energia". O peso infinito tornou-se, em virtude dessa transformação, peso finito. A dimensão zero tornou-se, em virtude dessa explosão, dimensão finita. O mundo dos astros tem, no seu estagio atual e fugaz, peso, e dimensão finitos e determináveis. E' um "algo" esse mundo. Esse algo chama-se "espaço-tempo". Consiste de grande numero de entalhos, de rugas, de vales, que se chamam "campos". O fundo desses vales é formado

partir de um centro. Distanciam-se, a cada segundo que passa, desse centro e uns dos outros. "O mundo se expande". Fogem em direção do nada, e o que os separa, uns dos outros, é nada. O mundo dos astros consiste de pedaços que flutuam no nada, tendem para o nada, e perdem peso e ganham dimensão nesse processo. O estagio final será um mundo de dimensões infinitamente grandes, e com o peso zero. "Dimensões infinitamente grandes" é a maneira geometrica de articular "tudo". "Peso zero" é uma maneira de dizer-se "nada". O mundo dos astros tende para um estagio final no qual tudo será nada. Trata-se de um processo que se inicia com o tudo que é nada, e que se completa com o nada que é tudo. O "algo" atual do mundo dos astros é um estagio efemero desse processo.

E' obvio que num mundo assim a pergunta "para que tudo isto" não cabe. O mundo dos astros é pura absurdidade. A contemplação do céu estrelado, longe de inspirar a visão do "puro Ser", da Divindade, ilustra a ilusão absurda e diabolica do mundo que nos cerca. Em momentos de recolhimento podemos admirar-lhe o rigor e a beleza da sua estrutura, articulavel em poucas proposições matematicas simples. Podemos admirar o mundo dos astros como obra de arte, mas como obra de arte inteiramente inutil. E' o malor exemplo imaginavel da "arte pela arte". As perguntas que esse mundo impõe começam, todas elas, pelo termo "como?", inquisitivo, ou pelo termo "por que?", inquisitivo ou indignado. O clima desta cosmovisão

suas substancias se encontram em todos os estagios de agregado. São solidas, viscosas, liquidas, emulsões e gases. A mais infima variação de temperatura ou pressão (infima se comparada com os extremos que regem o cosmos), transforma solidos em gases ou primeiros gases. E como estagio intermediario, incrivelmente improvavel e incrivelmente fugaz, correm, fluem e derramam-se os liquidos em busca da vida. Os nossos ventos assopram as nossas nuvens, os nossos rios modelam as nossas montanhas, os nossos oceanos, inspirados por nossa Lua, retocam constantemente os nossos continentes. Fazem-no para produzir praias ensolaradas, para criar o ambiente daquele milagre indescritivel que é o surgir da primeira gota daquele polímero viscoso chamado "protoplasma", da primeira gota da vida. Como se deu essa conspiração gigantesca? Como se constelaram galaxias e astros, como se conjugaram influencias fisicas, termicas, eletromagneticas, óticas, quimicas, e incontáveis outras, para produzir esse milagre? Como se contorceu esse cosmos gigantesco todo, para dar á luz essa infima gotinha? E qual é a estrutura dessa gotinha? Ela contém, em sua organização, o projeto de toda aquela evolução que passa pelos protozoarios, resulta na incrível riqueza de formas das especies vegetais e animais, produz o homem com sua capacidade de abranger, de maneira misteriosa, o cosmos inteiro pela sua força articuladora, pela lingua, e passa, quicá, além do homem, para criares ainda mais divinos e diabolicos que ele. E tudo isto estava contido, em projeto, na-

quela primeira gotinha? Não podemos crer, por um instanta sequer, que tudo isto é resultado de um acaso. Seria uma explicação, cuja inautenticidade existencial brada aos céus. Mas, afinal, acaso não é sinonimo de milagre? Não, o mundo dos astros tem uma finalidade, e sentimo-la dentro da propria medula dos nossos ossos. Todo esse processo aparentemente absurdo tem por finalidade produzir o sol, e a Terra, e a vida, e o homem, e aquele espirito humano que indaga por sua finalidade. O mundo dos astros tem um proposito, e esse proposito somos nós, são as nossas mentes. E' com esta intenção que o mundo dos astros foi criado, e perguntas que começam com o termo "para que" são perguntas significativas. O clima existencial desta cosmovisão foi expresso no verso seguinte, que Beethoven transformou em canto:

"Die Himmel rühmen des  
[Ewigen Ehre,  
ihr Schall pflanzt Selen  
[Namen fort"

(Os céus louvam a gloria do Eterno, o seu ressoar propaga o Seu nome).

III. Não me posso resolver nem por uma, nem pela outra das cosmovisões esboçadas. Uma especie de honestidade vivencial me proíbe a primeira. A vivencia da absurdidade da vida e da mente me proíbe a segunda. Mas de uma coisa estou convencido: se é significativo perguntar "por quê?", é igualmente significativo o "para quê?", embora talvez ambas essas perguntas sejam absurdas. A prepotencia dos que pretendem limitar a conversação ao "por quê" me parece patente. A decisão por uma das duas perguntas, ou por ambas, ou por nenhuma das duas, é, a meu ver, um aspecto da decisão fundamental, da decisão existencial que devemos tomar para realizar o projeto que nos lançou para cá e rumo á morte.

Essa teoria animada talvez que o termo "por que" procura articular o aspecto causal, e o termo "para que" o aspecto teleológico das coisas. O que procurarei fazer é invocar o clima existencial no qual esses dois tipos de pergunta se formulam. Para tanto esboçarei, muito sumariamente, duas cosmovisões, duas descrições do mundo que nos cerca. E para restringir o escopo dessa tarefa titanica, limitarei tais descrições aos cosmos da astronomia.

I. O mundo dos astros, aquilo portanto que se nos apresenta, nas noites claras, como céu estrelado, para inspirar os nossos poetas e amantes, e, nos telescópios, para inspirar os cosmonautas, não tem, no fundo, nem poetas, nem amantes, nem cosmonautas por finalidade. E', pelo contrario, um conjunto de fenomenos que

para materia, e as partes dos vales são formadas por "energia". A materia é energia condensada, a energia é materia diluida. O processo explosivo dilui materia, diminui o seu peso e aumenta a dimensão do campo. Esse processo é irreversivel (ou pelo menos parece sê-lo). As suas diversas fases são, em tese, reversiveis, mas como um todo esgota esse processo as virtualidades contidas na explosão inicial, pelo principio da "entropia".

As rugas formam bolsas dentro de rugas maiores, que por sua vez formam bolsas em rugas ainda maiores. As rugas-mães, os campos maiores, são chamados de "sistemas galacticos" e são os pedacos que compõem o mundo dos astros. Esses pedacos (se é que podemos recorrer a um termo tão arcaicamente materialista), fogem em corrida desenfreada a

rei expresso magistralmente pela seguinte poesia de Omar Khayyam:

"And that inverted bowl  
[they call the sky,  
whereunder we all crawl  
[ling live and die,  
lift not thine eyes to it, for  
[it  
moves impotently just as  
[thou and I".

(E aquela tigela invertida que chamam de céu, debaixo da qual nós todos nos arrastamos para viver e morrer, não elevas os teus olhos até ela, pois ela se move tão impotente quanto tu e eu).

II. Limitemos um pouco a visão colossal que nos tem preocupado até agora, e contemplemos o sistema galactico do qual a nossa Terra modesta é parte. E' constituído de astros, isto é, de campos gravitacionais que têm bolas materiais por centro. Essas bolas ilustram as fases reversiveis do processo irreversivel que tentei descrever, tão ingenuamente, em cima. São bolas incandescentes em diversos estagios de desintegração, estão perdendo peso e emitindo energia. Algumas dentre essas bolas estão esgotadas. Mas poderão explodir novamente, serão estrelas "novas". As dimensões dessas bolas variam, mas são consideraveis. Um exemplo modesto delas é o Sol que nos aquece. Mas será tão modesto assim esse exemplo? O Sol não está só e perdido no nada. Está acompanhado de "planetas", de rugas que formam bolsas dentro da sua ruga. Talvez existam outros sistemas planetarios dentro do nosso sistema galactico, mas não temos certeza disto. Essa descoberta, se feita, seria existencialmente desinteressante. As distancias entre os astros são de dimensões existencialmente proibitivas. Os planetas que acompanham o nosso Sol são de dois tipos, internos e externos. Os externos estão afastados do Sol e giram em seu redor envoltos em frio inimaginavelmente rigoroso. Praticamente não pode haver reação química nesses corpos. Os planetas internos são Mercurio, Venus, Terra e Marte. Mercurio é um corpo quente e fervoroso. Se há reações químicas nele, devem ser simples e rapidas e extremamente volateis. Venus e Marte são Terras frustradas. Não conseguem estabelecer o equilibrio precioso e incrivelmente complexo no qual se encontra a Terra. Consideremos portanto essa nossa mãe amorosa que é a Terra.

E' ela um corpo a um tempo conservador e altamente mutavel. Tudo nela é moderado. As temperaturas variam constantemente, mas dentro de limites muito modestos. Há uma pressão quase constante, mas maleavel, que a sua atmosfera gasosa exerce sobre a solidez fluida da sua crosta. As